

Qual é a Ponte que nos une e dá Paz ao Mundo?

Bispo Simon Atallah, oam
Bispo Emérito de Baalbek-Deir El-Ahmar (Maronita), Líbano
Ex-Presidente do Conselho Episcopal para Assuntos Ecumênicos

Construindo pontes

“A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra.”(Vaticano II. Gaudium et Spes, introdução, 4)

De sua parte, a Igreja quer ser uma parceira crível na sociedade, ao invés de ser relegada ao papel de uma autoridade, reduzida a abençoar ou censurar. Com efeito, a Igreja, numa atitude construtiva de diálogo, gostaria de participar nos inumeráveis estudos com essa finalidade. A linguagem da fé precisa, de fato, tomar conhecimento de sua transformação social e cultural (ibidem, Gaudium et Spes) no total de suas formas de expressão. De sua parte, o Observatório, “Fé e Cultura” do Conselho Ecumênico das Igrejas, é um lugar onde a cultura, hoje, alimenta seu diálogo com a fé.

A Igreja chama todos os seus fiéis para ativamente se comprometerem no diálogo interreligioso. Esse diálogo entre cristãos e crentes de outras religiões, em um certo sentido, não existe. Acima de tudo, o caráter pessoal de todo o diálogo interreligioso nos capacita a estabelecer os princípios fundamentais de qualquer diálogo e a medir as exigências.

Se dermos uma olhada no que aconteceu, e no que acontece nos círculos religiosos, especialmente em anos recentes, observamos que um número cada vez maior de fiéis de várias religiões encontraram-se, talvez por acaso, não apenas em países distantes, mas também e especialmente no Oriente Médio e Europa.

Outra observação prevalece: graças aos meios de comunicação de massa, é impossível não reconhecer que o cristianismo, embora permaneça como a religião predominante no Ocidente é, a nível internacional, apenas uma religião entre outras. Com efeito, onde outras religiões exerceram o mesmo papel, comunidades cristãs são apenas comunidades muito pequenas.

É nesse contexto que a Igreja tomou conhecimento da necessidade de estabelecer contatos de um modo cooperativo com essas várias religiões (cf. A Declaração sobre a Relação da Igreja com as Religiões Não Cristãs). Esta política de diálogo requer a adoção, pelo menos, de alguns princípios fundamentais, os quais possibilitam a construção de pontes entre as pessoas, não importando a religião a que pertençam.

1- Aqueles que desejam construir pontes para dedicar-se à comunicação, ou melhor, ao diálogo com outros, precisam antes de tudo, *ter um respeito profundo e sincero por seu interlocutor*, não importa quem ele seja. É absolutamente necessário reconhecer seu direito de ser diferente. É até mesmo necessário ser tocado por essa diferença.

Se é verdade que precisamos nos permitir ser desafiados pelos outros, segue-se logicamente que precisamos estar prontos para desafiá-los também. Não fazer isso seria falta de respeito pelos outros, que é o próprio fundamento do diálogo. Com efeito, onde as duas partes em um diálogo não são suficientemente fortes para questionarem-se uma à outra, podemos imaginar a identidade de seu encontro.

Eis porque:

A) Somos chamados a respeitar profundamente o homem que está diante de nós e sua religião. No entanto, é preciso admitir-se que no contexto do diálogo interreligioso, se alguém não se esforça, tanto quanto possível, para compreender a religião dos outros, esses não podem verdadeiramente respeitar aquela religião.

B) Esse respeito precisa ser teologicamente e antropologicamente sadio. Um cristão precisa ser capaz de explicar a si próprio e explicar aos seus irmãos e irmãs cristãs, tão bem quanto aos seus interlocutores, porque e como ele permanece totalmente fiel à fé cristã, e ainda tem um profundo respeito pelas outras religiões.

2- “A Igreja católica nada rejeita do que em outras religiões existe de verdadeiro e santo.” (Enculturação, Vaticano II, Nostra Aetate, 2)

“Olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora se afastem em muitos pontos daqueles que ela própria segue e propõe, todavia, refletem não raramente um raio da verdade que ilumina todos os homens.” Nostra Aetate, 2)

As religiões muçulmana e judaica não são, claro, deixadas fora da Nostra Aetate. Pelo contrário, por causa dos laços especiais que as une à Igreja e que

derivam da raiz das três tradições na fé abraâmica, e de suas ligações com o Deus Único, o Conselho exorta cristãos, muçulmanos e judeus a fazerem um esforço para melhor compreenderem uns aos outros.

Em suas reflexões sobre o diálogo interreligioso, os Padres do Conselho, eles próprios, escolheram falar da percepção entre os povos “do poder inerente escondido que paira sobre o curso das coisas e sobre os acontecimentos,” ou seja, das Religiões Tradicionais, hinduísmo, budismo, islamismo e judaísmo. Seria bom pedir aos representantes dessas diferentes religiões para darem uma breve visão geral sobre cada uma das religiões acima mencionadas.

Conclusão: O diálogo interreligioso é a vocação do cristianismo.

Num painel de discussão intitulado Religiões e Diálogo, professores de Teologia e História das Religiões, no Instituto Católico de Paris, analisaram a atitude das grandes religiões com relação ao cristianismo, e a atitude do cristianismo com relação a essas grandes religiões (hinduísmo, budismo, judaísmo, islamismo e a religião da China.) Em suas análises nesse diálogo, aqueles professores viram que o comprometimento era muito frequentemente interpretado, por aqueles a quem a Igreja se dirigia, como um novo e bem disfarçado método de proselitismo.

Para nós é obrigatório fazer a realidade interreligiosa ser frequentemente percebida como a vocação do cristianismo. Com efeito, a urgência desse diálogo brota da visão cristã do homem, da fé em Jesus Cristo, a Palavra de Deus feita homem, e da ação do Espírito Santo. Basicamente, o compromisso com o diálogo interreligioso concerne aos cristãos de um modo particular. Pertence à sua própria vocação e precisa ser integrado em sua vida espiritual. Os cristãos deveriam permanecer sempre humildes diante do mistério de Cristo, e prontos para abrirem-se às intuições espirituais dos outros, a fim de serem capazes de melhor nelas penetrar. Quando os cristãos genuinamente se comprometerem no diálogo interreligioso, essa humildade pode irradiar-se e tornar-se o melhor testemunho de seu verdadeiro respeito pelo mistério de Deus e, claro, do homem. À luz desse conceito, certamente podemos ir tão longe quanto dizer que o compromisso no diálogo interreligioso é inseparável da missão que todo cristão recebe no momento de seu batismo. A vocação do cristão, e portanto de cada homem, consiste em construir pontes entre os homens para pregar a solidariedade e espalhar a paz através do amor do Criador do mundo e do próximo, um cidadão do planeta Terra. Cada homem possui, com efeito, uma profundidade que ninguém, exceto Deus, será sempre capaz de sondar completamente. Negar isso seria ir contra o que faz a

dignidade do homem na fé cristã. Infelizmente, nossos relacionamentos diários com os outros raramente refletem essa realidade.

A Igreja no Vaticano II “exorta, por isso, os seus filhos a que, com prudência e caridade, pelo diálogo e colaboração com os sequazes doutras religiões, dando testemunho da vida e fé cristãs, reconheçam, conservem e promovam os bens espirituais e morais e os valores sócio culturais que entre eles se encontram.” (Nostra Aetate, 2). Em sua Encíclica, Redemptoris Missio, o Santo Papa João Paulo II enfatiza o valor permanente do preceito missionário que brota do batismo, e diz: “Todos os fiéis e comunidades cristãs são chamadas a praticar o diálogo, embora não seja no mesmo grau e forma. Para isso é indispensável o contributo dos leigos, que «com o exemplo da sua vida e com a própria ação podem favorecer a melhoria das relações entre os crentes das diversas religiões» enquanto alguns deles poderão mesmo oferecer uma ajuda na pesquisa e no estudo.” (Redemptoris Missio, 57)

+ Simon Atallah, oam